

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

287

INSCRIÇÕES 943-944



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2026

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Todos os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iaraq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iaraq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*José d'Encarnação | CEAACP*

Toda a colaboração deve ser dirigida a:  
[fe.revista@uc.pt](mailto:fe.revista@uc.pt)

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas  
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL



INSCRIÇÃO ROMANA INÉDITA DE  
VILAR DE MAÇADA, ALIJÓ

(*ciuitas ignota, conuentus Bracaraugustanus, Hispania citerior*)

Na parede de um edifício de Vilar de Maçada, concelho de Alijó, encontra-se reaproveitada uma epígrafe romana.

Situada no núcleo central do aglomerado (coordenadas geográficas WGS84: 40° 07' 14.50", 7° 32' 44.15"; altitude: 591 m), a construção, com telhado de uma água, está a flanquear um quintal, atualmente propriedade da sra. Natividade Carvalho Alves<sup>1</sup>, junto à N323-1. A parede voltada à estrada é de alvenaria irregular de granito e xisto, apresentando algum outro material pétreo que indicia ter sido reaproveitado, como a pedra epigrafada, também ela de granito de grão fino, integrada na quinta fiada a contar da base atualmente visível (a cerca de 1,29 m do passeio para peões), em posição horizontal e não distante do cunhal sul. Encontra-se com o topo para este mesmo lado.

Da epígrafe consta já referência no Portal do Arqueólogo (CNS 15206)<sup>2</sup>. Havia sido, porém, anteriormente apontada num

---

<sup>1</sup> Agradecemos-lhe, encarecidamente, pela partilha de informação sobre o imóvel, bem como a autorização para realizar o estudo epigráfico. Estendemos a nossa gratidão também ao Paulo Travassos, pela colaboração prestada no trabalho de registo da inscrição.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=151759> (consultado em 26-05-25). Aí se refere existir uma pedra com vestígios de inscrição *no centro de Vilar de Maçada, na berma da estrada 323-1, numa parede que suporta o quintal da Sr.ª Maria Teresa Rossas.*

trabalho académico de levantamento arqueológico do concelho<sup>3</sup>, mas sem que se tivesse logrado qualquer leitura para a epígrafe, nem tão-pouco qualquer tipo de interpretação, ficando-se a caracterização pela confirmação da existência de caracteres gravados.

A autópsia da mesma não deixou dúvidas quanto a tratar-se de uma epígrafe de época romana, embora o suporte nos pareça claramente incompleto ([50]X[25]x[22,5] cm).

Considerando que a peça se encontra truncada em cima e em baixo, é plausível estar-se perante o corpo ([50]X25x22,5 cm) de um altar cuja face anterior ([50]X25 cm) conserva praticamente íntegra a inscrição. Apresenta alguns esboroamentos ao longo de ambas as arestas visíveis, mais acentuados na do lado direito, e algum desgaste superficial que, todavia, não oblitera o texto gravado e que é o seguinte:

D(eo uel domino) D(omino uel deo)

MAR(ti)

SAC(rum)

BEOD-

IS EX

V(otum) P(osuit)

Consagrado ao senhor deus Marte. *Beodis* colocou, na sequência de um voto.

Altura das letras (cm): l. 1: 6; l. 2: 5,8; l. 3: 8,5; l. 4: 6; l. 5: 7,7; l. 6: [4].

Margens superior, inferior, esquerda, direita (cm): 4; 0; 0,5/2,7; 2,5/6,2.

Espaços (cm): 1: 4; 2: 1,2/1,4; 3: 0,6/1,2; 4: 1,1/2,6; 5: 0.

---

<sup>3</sup> Paiva, S. J. F., *Levantamento Arqueológico do Concelho de Alijó*, Porto, 1996 (trabalho policopiado apresentado ao Departamento de Ciências Históricas da Universidade Portucalense).

O texto encontra-se dividido por seis linhas com uma paginação pouco atilada, em que parece ter-se apenas procurado seguir um alinhamento grosseiro à esquerda. A gravação biselada é larga e os *ductus* bastante irregulares, indiciando larga imperícia de quem executou o corte das letras e, decerto, também a sua distribuição tão pouco elegante. Recorreu-se a letra capital comum à mistura com caracteres claramente influenciados pela escrita cursiva<sup>4</sup>. Vejam-se concretamente os dois EE, patentes nas linhas 4 e 5, que surgem representados por dois traços lado a lado e em nenhum dos casos exatamente paralelos. Na linha 5, o primeiro traço está ligeiramente inclinado para trás e o segundo, arqueado, está algo afastado; na linha 5, o primeiro traço é mais curto, bastante inclinado para a frente e posicionado mais acima que o seguinte, arqueado como o da linha anterior, mas em sentido oposto. Os DD são desiguais, desde logo os da linha inicial, em que o primeiro tem haste reta e pança a fugir ao semicírculo e o segundo haste inclinada para a frente e uma pança mais desenvolvida, quase a confundir-se com um O. O que finaliza a quarta linha aproxima-se do desenho do primeiro. Na segunda linha há a registar um nexu triplo MAR: o M de base é marcado por inclinação para a frente, tendo o vértice central acima da extremidade das hastes extremas, mas integra um travessão hoje quase impercetível entre as hastes da direita, e a partir do vértice superior nasce uma larga pança prolongada por um curto pé, também ela bastante afetada pela desagregação granular. Na linha seguinte, o S surge com alguma elegância, com a curva superior mais apertada que a oposta, seguido de A, com hastes arqueadas e travessão enviesado, antecedendo o C, que mostra a metade inferior a abrir. No início da quarta linha, o B encontra-se mutilado, adivinhando-se panças desiguais, sendo mais estreita a superior, que se conserva. Mais à frente, o O é perfeitamente circular. A linha seguinte inicia-se com um I torcido e levantado, prolongando-se sob ele um S mal-enjorcado, praticamente deitado. No final da linha, um X rodado para diante e também mais elevado, pelo menos relativamente ao S e ao E cursivo. As

---

<sup>4</sup> Acerca destes aspetos atinentes à escrita, poderá ver-se Redentor, A., *A cultura epigráfica no conuentus Bracaraugustanus (pars occidentalis): percursos pela sociedade brácara da época romana*, Coimbra, 2017, I, 134-136.

letras da última linha são apenas vestigiais. Aparentemente há ainda resquício de haste do V inicial e do P resta parte da haste e a pança, diminuta e aberta.

Perceciona-se ter havido opção de reduzir a extensa mensagem ao máximo recorrendo a abreviaturas, de modo que apenas o idiónimo do dedicante se gravou por extenso. Deste modo, a interpretação do texto é desafiante. Se as siglas da primeira linha podem ser desdobradas pelos nomes comuns *deus* e *dominus*, ao serem estas as opções com mais respaldo no *conuentus*<sup>5</sup>, a sua sequência é intermutável. Na segunda linha vislumbra-se, à primeira vista, apenas a sigla M, circunstância que imediatamente faria pensar em Marte, Mercúrio, Minerva, Mitra ou nas *Matres*. Mas uma autópsia atenta, corroborada pelos registos fotográficos e fotogramétricos, permitiu discernir, como acima se referiu, que aí se gravou o nexu MAR, o qual, após as anteriores siglas, nos indicia, ainda assim, a vontade de destacar o teónimo da entidade divina à qual se dedica o altar: Marte. Uma moosa que está sobre a aresta não oculta seguramente a sílaba em falta da forma do dativo deste teónimo, havendo farto registo epigráfico da sua redução à três letras iniciais.

A Vilar de Maçada encontram-se associados outros suportes epigráficos<sup>6</sup>, alguns deles, infelizmente, desaparecidos, mas que seriam de natureza votiva. Concretamente, há referência ao reaproveitamento, na fachada posterior na igreja matriz, de uma inscrição dedicada a Júpiter<sup>7</sup> e de outra a deidade indígena com a epiclese *Albocelo*<sup>8</sup>. Sendo estas as únicas epígrafes votivas até

---

<sup>5</sup> Cf. Redentor, A., *ob.cit.* I, 139-140.

<sup>6</sup> Sobre a epigrafia romana documentada na área do município de Alijó, veja-se Redentor, A., “Ecos da Antiguidade por ambas as margens do Tua: excuro pelas fontes epigráficas romana”, in Carvalho, P. C., Coutinho, L. F. e Marques, J. N., coords., *Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua (concelhos de Alijó, Carrzeda de Ansiães, Mirandela, Murça e Vila Flor)*, Porto, 2017, 178-207 (+ catálogo em CD).

<sup>7</sup> *CIL* II 2394a; *AquaeFlauiae*<sup>2</sup> 40 [= Rodríguez Colmenero, A., *Aquae Flauiae, I: fontes epigráficas da Gallaecia meridional interior*, Chaves, 1997]; Redentor, *ob. cit.*, CD, 10, nº i010.

<sup>8</sup> *CIL* II 2394b; *RAP* 609; *AquaeFlauiae*<sup>2</sup> 290; *AE* 2000, 744-745; Redentor, *ob. cit.*, CD, 11, nº i011. Em *RAP* [= Garcia, J. M., *Religiões antigas de Portugal: aditamentos e observações às Religiões da Lusitânia de J. Leite de Vasconcelos:*

ao momento atestadas na freguesia, há registo do achado, na povoação anexa de Francelos, de uma estela funerária<sup>9</sup>. Não será de excluir a possibilidade de ter existido um assentamento de época romana em Vilar de Maçada, considerando a existência das três epígrafes distanciadas cerca de 200 m.

No contexto mais alargado do vale do Tua, já estudado com detalhe<sup>10</sup>, tão-pouco há registo de dedicatórias a Marte, mas, no âmbito mais alargado da metade interior conventual, há testemunhos deste culto<sup>11</sup>. Não destoam os apelativos que sugerimos ao terem comprovada ligação ao teónimo, embora noutras geografias. Ao nível conventual, regista-se em Gondar, Caminha, a dedicatória *deo Marti*<sup>12</sup>, mas há registos idênticos nas restantes províncias hispânicas, incluindo com o teónimo epitetado<sup>13</sup>. A associação a *dominus* está igualmente documentada na *Hispania citerior* e *Baetica*, em ambos os casos com registo do teónimo desacompanhado de epíteto<sup>14</sup>. No âmbito do *conuentus*, a junção dos dois termos tem evidência, embora em associação a teónimo indígena, patente em duas inscrições tirsenses<sup>15</sup>. Plausivelmente encontram-se também associados a outra deidade em Campo (São Martinho)<sup>16</sup>. A associação dos termos genéricos *deus/-a* e *dominus/-a* aos teónimos em contexto provincial parece essencialmente reforçar uma integração na

---

*fontes epigráficas*, Lisboa, 1991] é manifestada dúvida quanto a tratar-se de nome de divindade. Cf. Redentor, A., *ob.cit.*, 186, sugerindo a forma como plausível teónimo relacionável com elemento da natureza divinizado.

<sup>9</sup> *AquaeFlaviae*<sup>2</sup> 288; Redentor, *ob. cit.*, CD, 12, nº i012. Atualmente no Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real.

<sup>10</sup> Redentor, A., *ob. cit.*, 181-188.

<sup>11</sup> *AquaeFlaviae*<sup>2</sup> 57-60.

<sup>12</sup> *CIL* II 2463 = *CECBpo* 100 [= Redentor, A., *A cultura epigráfica no conuentus Bracaraugustanus (pars occidentalis): percursos pela sociedade brácara da época romana*, Coimbra, 2017, vol. II].

<sup>13</sup> Cf. *CIL* II 365; *AE* 2007, 721; *CIL* II 1472. As duas primeiras referências enquadram-se na Lusitânia e a terceira na Bética.

<sup>14</sup> Cf. *AE* 2018, 1020 e *AE* 1986, 362, respetivamente na Hispânia Citerior e na Bética.

<sup>15</sup> *CECBpo* 13 e 14: *deo d/omen/o / Cusu / Nemed/eco* e *dom(ino) deo / Nenedec[o]*.

<sup>16</sup> *CECBpo* 1: *d(e---?) d(omin---?) n(ostr---?) / Abne*.

linguagem religiosa que chega do Lácio<sup>17</sup>. E poderão ter uma conotação cronológica<sup>18</sup>.

É também novidade o antropónimo que identifica o dedicante. *Beodis* afigura-se como um *unicum* que devemos associar ao substrato indígena. Será de aproximar do nome *Beotis* documentado em Las Abejas, Peñacaballera, Salamanca<sup>19</sup>, com a diferença de que aquele caso mostrará uma sonorização da consoante intervocálica. A mesma particularidade linguística reflete-se noutra antroponímia indígena, podendo citar-se, a título de exemplo, as parelhas antroponímicas *Betun-* / *Bedun-* essencialmente representadas por *Betunus* e *Bedunus*<sup>20</sup>. É equacionável a origem daquelas formas no IE \*g<sup>w</sup>ei(ə) ‘viver’ com sufixação *t*-<sup>21</sup>.

São frágeis os elementos para proposta de datação, mas atendendo à estrutura textual, ao forte recurso às abreviaturas, ao reforço do nome da divindade com os vocábulos *deus* e *dominus*, bem como a algumas das particularidades paleográficas, não será datável antes da segunda centúria, considerando-se mais provável associar-se a esta.

ARMANDO REDENTOR\*

RÚBEN MENDES\*\*

GERARDO VIDAL GONÇALVES\*\*\*

---

<sup>17</sup> Sobre o assunto, veja-se Salinas de Frías, M., “Los teónimos indígenas com la mención *Deus, -a* en la epigrafía hispana”, *Conimbriga*, 34 (1995) 129-146.

<sup>18</sup> Redentor, A. *ob. cit.*, I, 139-140.

<sup>19</sup> *HEp* 2007, 506 = *AE* 2007, 735: *Beoti Acuneli filio*.

<sup>20</sup> Albertos Firmat, M. L. *La onomástica personal primitiva de Hispania: Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, 53. Vallejo, J. M. *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, 210.

<sup>21</sup> *IEW*, 467-469 [= Pokorny, J., *Indogermanisches etymologisches Wörterbuch*, Bern e München, 1959].

\* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / Centro de Estudos Interdisciplinares – CEIS20, Universidade de Coimbra. <https://orcid.org/0000-0002-6459-3285>.

\*\* Associação de História e Arqueologia de Sabrosa / Polo Arqueológico de Garganta.

\*\*\* Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora – CIDEHUS; Associação de História e Arqueologia de Sabrosa / Polo Arqueológico de Garganta.



FIG. 1 – Perspetiva do reaproveitamento da inscrição como material de construção (fotografia: R. Mendes).



FIG. 2 – Face anterior do altar com o texto inciso (fotografia: R. Mendes).

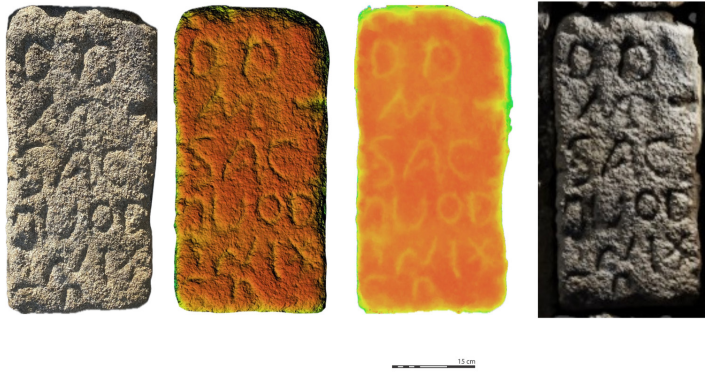


FIG. 3 – Fotografia, análise microtopográfica e modelo fotogramétrico do texto da epígrafe (fotogrametria: G. V. Gonçalves e R. Mendes).



FIG. 4 – Registos fotográfico e desenhado do texto da epígrafe (fotografia e desenho: R. Mendes).

ESTUDIO PRELIMINAR DE LA PIEZA  
HALLADA EN NOGALES (BADAJOZ)  
(*Ager Emeritensis, Provincia Lusitania*)

El presente artículo refiere, por primera vez, ante la comunidad científica y académica información relativa a una pieza inédita, descubierta en la localidad de Nogales, provincia de Badajoz (España), según las fuentes al menos arribadas a nuestros días que se han documentado en línea, con reconocimiento de especialistas o el repositorio español de Epigrafía *Hispania Epigraphica*.

Los datos son fruto de la observación parsimoniosa, la comparación contrastada con ejemplos similares del entorno ya datados y la corroboración de expertos en los ámbitos del Saber pormenorizados en este documento. Este proceder pretende auspiciar futuras aportaciones, a la hipótesis inicial que esta investigación apriorística efectúa.

Los antecedentes del suceso evocan una notificación de un vecino de la localidad de Nogales (Badajoz), Carlos Marín, a un abogado procedente del mismo municipio, el día 2 de septiembre del año 2023. La publicación en un *blog* de temática histórica y evocaciones humanísticas y populares del enclave, medio gestionado por el letrado Carmelo Ramírez Lozano, difundió la noticia en amplios sectores.

Sin embargo, la repercusión no generó producción escrita ni siquiera en revistas de carácter divulgativo, que se hallan al menos localizado digitalmente, ni se tiene constancia de existencia de ejemplar alguno sobre el particular. La presencia de un recordatorio en *Facebook* del práctico aniversario de

su inclusión en el *blog* y su comunicación en tal red social, alerta del estado de la cuestión, aún en 2026, sin formar parte de un repositorio referencial como *Hispania Epigraphica* ni similares internacionales que ubican a Nogales en el mapa del legado ancestral. En este punto concreto se afirma propio de la civilización romana, aunque se precisaba demostración.

Su disposición en un ángulo esquinero exterior suroeste de la Iglesia Parroquial de San Cristóbal, edificada a partir del siglo XV, indica su descontextualización respecto del lugar de emplazamiento original. Mas, si se tratase de una obra intencional de aquel tiempo, no se curvaría hacia el lateral su disposición en el templo y se ubicaría en espacio visible y accesible para mostrar su mensaje; su redacción en lengua latina se traduciría relativamente bien al contraste de luz y agudeza visual por altura de incrustación.

A pesar de desgaste de su material pétreo que se define no sólo se especula, como «granito, sin duda» en declaraciones emitidas a expreso para este escrito el 17 de febrero de 2026, en el transcurso de estas líneas, por la Asociación Geológica de Extremadura (AGEx), a quien no puede soslayarse – permítase esta pequeña licencia en el formato – en gratitud infinita su colaboración, como al epigrafista Manuel Grueso quien la adscribiría:

HI(c) S(itus) T(ibi) T(erra) L(evis)

Aquí está/yace. Tierra leve para ti o séate la tierra leve.

El contenido del bajorrelieve de la pieza granítica son caracteres latinos que coinciden, en su práctica totalidad, con la transcripción del abogado.

Sin embargo, la traducción custodia dos matices a presentar en estos párrafos, que se exponen a continuación: el primero sería N • C • que pudiera corresponder con la fórmula latina desde el siglo I de nuestra Era *Non Curo*, es decir que no importa ya su cuidado (*curo* puede equivaler en latín a *cuido*), en tanto que no existe ese ser en vida.

Tan abreviada expresión rememora su vinculación con el Estoicismo, tan practicado por Séneca precisamente en el siglo I después de Cristo. Es ideal filosófico de los partidarios

emeritenses de su primer gobernante como emperador y quien dio venia para instaurar el rango de adscripción a la tribu *Papiria* – con probabilidad representada en esas iniciales *PAP* cual remisión de *origo* u origen familiar del bloque objeto de análisis, puesto que puede ser de esta *gens* una adolescente – cita XVII después de la referencia nominal y antes del protocolo funerario restante, es decir diecisiete años en principio. Si bien no aparece *annorum* en abreviatura habitual, acaso al tratarse de una variante local del mundo rural esta expresión.

Se especifica no descartable sea una mujer, lo que explicaría sólo la presencia de *nomen* y *cognomen* en orientación hacia ser buena referencia para el matrimonio, como *Iulia* o el nombre que también está localizado en una necrópolis de Cádiz: *Iuinia*. O extrañamente tales nombres en masculino, que rebajarían el estatus del supuesto finado sin *tria nomina* de forma anómala, ante la inclusión de *PAP(iria)*. Ni siquiera tiene condición de liberto, al menos remarcada en la sociedad, porque no figura la alusión con L o abreviación similar y puesto que tampoco la obra funeraria no adolece de extractos perdidos, ya que su epigrafía justo subsiguiente se muestra completa en paralelo con las dimensiones actuales.

Tornando nuevamente al término *Papiria*, es preciso aclarar que es una tribu, según recuerdan Sánchez Abal y Redondo García (1985)<sup>1</sup>. Entre los escasos lugares de la Península Ibérica adscritos a esta suerte de linaje romano fue *Emerita Augusta* – y sus alrededores, como alude el texto de Ortiz Córdoba<sup>2</sup>.

Se remite al período de Octavio y su dinastía, que coincide con la datación de otros monumentos romanos hallados en

---

<sup>1</sup> Sánchez Abal, J. L. y Redondo Rodríguez, J. A. (1985) «La Tribu *Papiria*: testimonio de la Colonia *Emerita Augusta* en la Alta Extremadura», *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, III, (1), 61-68. Recuperado el 18 de febrero de 2026. <https://dehesa.unex.es/entities/publication/6fddff35-54c2-46ec-949f-adf3172364b1/full>

<sup>2</sup> Ortiz Córdoba, J. (2022), «*Emeritenses in itinere*: estudio de la movilidad geográfica de los habitantes de *Augusta Emerita* en época imperial, a través de la documentación epigráfica», *Lucentum*, XLII, 177-198. Recuperado el 17 de febrero de 2026. <https://rua.es/server/api/core/bitstreams/a4705105-d5ae-4a13-b0c6-9e64ca809e1/content>

granito, también erigidos en el término próximo de Salvatierra de los Barros o en Barcarrota (primera mitad del siglo I d. C. detalla uno y mediados de igual centuria otro, según *Hispania Epigraphica*). En adición, hay presencia de granito al aire libre perceptible en la vecindad de Salvaleón con trazas, signos de paso del tiempo, como el de la estela funeraria integrada en una construcción nogaleña.

Esta aproximación en torno al siglo I d. C. encuéntrase limitada a ser una mera semblanza, aunque apoyada en el rigor de la investigación sufre carencias por la dificultad de medios para datar arqueológicamente – ubicada sin contexto primigenio ni documentación de su lugar de hallazgo. Otro problema es la imposibilidad de estudios mineralógicos que dañarían esta dádiva patrimonial de forma irreversible. Esta afirmación justifica la Asociación Geológica Extremeña en el mismo marco, antes mencionado. Se aguarda prelude aportaciones *a posteriori* y con mecanismos que aporten mayor luz al particular.

La lectura puede ser, pues, la siguiente:

I • P A P / N C • X V I I / H • I • S / T • T • L

ARA ANDÚJAR MARTÍNEZ\*

---

\*Historiadora. Máster en Gestión del Patrimonio Cultural y Natural.



FIG. 1 – Ubicación de la inscripción.  
Fuente: Elaboración propia, 2026.



FIG. 2 – La inscripción.  
Fuente: Elaboración propia, 2026.